

CONVERSAS COM O ACERVO DO MAV Mário Bueno

Mário Bueno, entre paisagens e inventários

O nome de Mário Bueno está intimamente ligado ao processo de renovação artístico-cultural ocorrido na cidade de Campinas nos anos 1950/60. Bueno nasceu em Campinas no ano de 1916. Trabalhou na Companhia Paulista Ferroviária, por onde se aposentou em 1964. Iniciou-se na pintura em 1943, aos 27 anos. Autodidata, seu aprendizado deu-se por meio da prática constante e da troca de experiências com outros artistas, entre os quais destaca-se Thomas Perina, amigo e companheiro de explorações pictóricas. Juntos, Bueno e Perina percorriam os arredores da cidade em busca de motivos alternativos, pitorescos, que revelassem as diferentes faces de uma cidade em transformação. Seus temas preferidos tratavam do limiar entre o campo e a cidade, dando a ver um processo de modernização não inteiramente consumado. Compraziam-se em pintar paisagens dos subúrbios de Campinas, casarios em meio a elementos naturais, trens que percorriam a malha ferroviária. Dessas excursões, resultaram obras como *Estação pé da serra* (1996) ou uma série de estudos sobre papel de pão, intitulados de *Série Paisagens* (1952-54), dos quais vemos dois exemplos aqui expostos.

Paralelamente, iam a São Paulo para visitar a recém-criada Bienal Internacional do Museu de Arte Moderna e outras exposições em galerias e museus. Em diferentes entrevistas, ambos comentaram a importância das Bienais para sua formação/educação artística. Thomaz Perina, por exemplo, dirá que “foi um impacto [...] eu, naquele momento, decidi o meu caminho; sabia que para isso tinha que ousar muito mais em minhas experiências”, enquanto Mário Bueno ressaltará o caráter didático do evento: “Nas primeiras bienais, havia um aspecto didático. As apresentações dos pintores eram acompanhadas de informações. Então, foi muito aproveitável. E para mim foi fundamental o aparecimento das Bienais, porque eu passei a conhecer todos os artistas de vanguarda”.¹



Inventário I - acrílica sobre tela, 120 x 100cm, 1993

1 Ver, a esse respeito, a pesquisa de Juliana de Sá Almeida Duarte, “Paisagens de Mário Bueno nas décadas de 60 e 70:



Série Paisagens - acrílica sobre papel de pão, 31 x 36 cm



Série Paisagens - acrílica sobre papel de pão, 31 x 36 cm

Bueno e Perina foram membros ativos do Grupo Vanguarda, formado em 1958 com o objeto de pressionar o poder público a criar espaços que acolhessem uma produção de caráter contemporâneo.² Segundo Emerson Dionísio, o grupo não visava de fato perturbar a tradição ou romper radicalmente com os códigos vigentes, mas sim “conquistar espaço, agenda e mercado para um grupo jovem, que indubitavelmente já havia iniciado o movimento de descolamento da cena acadêmica”.³ De todo modo, suas ações auxiliaram na fundação do Museu de Arte Contemporânea de Campinas, bem como na organização dos Salões de Arte Contemporânea de Campinas, realizados entre 1965 e 1977, os quais, de fato, modificaram o cenário cultural campineiro.⁴ Ressalte-se, além disso, a agenda criativa montada pelo grupo na Galeria Aremar, fundada por Raul Porto na sede de sua agência de viagens, Aremar Viagens e Turismo. Na falta de um circuito estruturado, a galeria funcionou como ponto de encontro dos artistas integrantes do grupo Vanguarda, local de palestras e debates com artistas convidados, destacando-se os concretistas de São Paulo, e centro difusor da arte abstrata na cidade.⁵

uma análise crítica”, realizada sob minha orientação. <<http://www.itar.unicamp.br/vanguardasemcampinas>>

2 O Grupo Vanguarda contou de forma definitiva e constante com os seguintes artistas: Thomaz Perina, Mário Bueno, Geraldo Jurguensen, Enéas Dedeca, Francisco Biojone, Franco Sacchi, Geraldo de Souza, Maria Helena Motta Paes e Raul Porto. Bernardo Caro, que viria a ser professor do Instituto de Artes da Unicamp, integrou-se ao grupo em 1964. Edoardo Belgrado, Geraldo Dècourt, Ermes de Bernardi, membros fundadores, participaram de duas ou três exposições. Belgrado afastou-se de Campinas em virtude de trabalho, retornando depois à Itália. José Armando Pereira da Silva e Alberto Amêndola Heinzl, críticos de arte, contribuíram ativamente na divulgação das idéias e atividades do grupo, principalmente através da página Minarete, do jornal *Correio Popular*.

3 Emerson Dionísio de Oliveira. “Uma inquietação: representações da identidade do Grupo Vanguarda”. In: *X Encontro Nacional de História Oral*, Recife, abril 2010.

4 Inicialmente concebidos nos mesmos moldes de um salão tradicional, os Salões de Arte Contemporânea de Campinas foram, ao longo de suas realizações, modificando seu caráter e sua estrutura e chegaram a destacar-se em âmbito nacional, principalmente nos anos de 1974 e 75. Duas novas edições dos Salões voltaram a ser organizadas na década de 1980, entre 1985 e 1988.

5 Waldemar Cordeiro, Maurício Nogueira Lima, Lothar Charoux, Luiz Sacilotto e Willys de Castro foram alguns dos artistas que por ali passaram.

É importante assinalar que uma série de transformações estruturais foram postas em execução em Campinas nas décadas de 1950 e 1960, por conta da implantação de um plano de melhoramento urbano que datava dos anos 1930. Este plano tinha como principal objetivo a modernização da cidade, por meio do alargamento das ruas, da criação de corredores rodoviários, da valorização do centro comercial e da transferência da população mais pobre, que vivia em casas antigas na região central, para vilas operárias na periferia. Algumas ações então empreendidas marcaram a história da cidade, nem sempre de forma positiva, e repercutiram decisivamente no campo das artes. A demolição do Teatro Municipal de Campinas, palco da Primeira Exposição de Arte Contemporânea organizada na cidade, em 1957, foi uma delas. O teatro encontrava-se literalmente no caminho do plano de melhoramento, pois bloqueava a passagem entre duas importantes vias centrais da cidade. Em 1965, o poder público, com base em um laudo até hoje contestado, decidiu por sua demolição. Em setembro desse mesmo ano, talvez como modo de compensar parcialmente a população de Campinas pela perda desse importante espaço cultural, e também pressionado pelas reivindicações dos artistas mais jovens, a prefeitura cria o Museu de Arte Contemporânea de Campinas – José Pancetti (MACC) junto à sede da Secretaria Municipal de Cultura.⁶

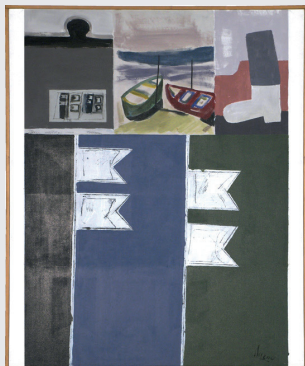
Nos anos 1960, Bueno firma-se no circuito artístico regional, participando das Bienais de 1965, 1967 e 1971, do Salão de Arte Moderna de São Paulo (1960 e 1961), do Salão de Arte Contemporânea de Campinas (1966, 1967, 1968) e do Salão Paulista de Arte Contemporânea (1969), no qual recebe um prêmio. Também realiza exposições individuais em Campinas e São Paulo e sua obra recebe atenção da crítica especializada, que destaca seu talento e técnica.

Pintor minucioso, amante do ofício, Bueno explorava questões formais, plásticas, sem abdicar por completo das referências figurativas. Empregava as cores com sensibilidade e requinte, logrando criar composições ritmadas, cromaticamente equilibradas, mas também líricas e evocativas. Ao longo de sua carreira, experimentou diversas técnicas, como a colagem, e deixou-se seduzir



Estação pé de serra - acrílica sobre tela,
100 x 120cm, 1993

6 O MACC é inaugurado com a realização do I Salão de Arte Contemporânea de Campinas, que tinha entre seus objetivos auxiliar na criação de um acervo para o museu. Somente alguns anos mais tarde, em 1976, o MACC recebeu um prédio que seria sua sede definitiva, onde se encontra atualmente, ao lado da Prefeitura Municipal.



Inventário - acrílica sobre tela, 100 x 85cm, 1989

pela arte pop, servindo-se, nos anos 1960/70, de decalques de números e letras, fragmentando as formas e o espaço pictórico e repetindo quase obsessivamente algumas imagens e símbolos, como as famosas bandeirinhas de festas juninas, com as quais parece homenagear o pintor Alfredo Volpi. Embora se declarasse avesso à política, Bueno talvez tenha reagido à situação repressiva do país ao representar soldados e segmentos do corpo humano em obras dos anos 1970. Até sua morte, em 2001, aos 85 anos de idade, procurou manter-se atualizado em relação às tendências e movimentos artísticos, mas jamais cedeu a “modismos”.

O MAV possui mais de 250 obras deste importante artista campineiro, incluindo-se aí 104 estudos, 21 pinturas a óleo e várias séries em papel, de diferentes fases de sua carreira, que foram comprados de sua viúva, em 2002, por meio de uma ação coordenada pelo professor do Instituto de Artes Geraldo Porto. Nessa ocasião, a família de Bueno doou diversos documentos pessoais por ele conservados, tais como recortes de jornal e revistas sobre seu trabalho, catálogos de exposição, escritos inéditos, fotografias e livros, que já foram objeto de pesquisa (ver nota 1).

Escolhemos mostrar ao público, nesta pequena mostra, trabalhos de diversos momentos da carreira de Mário Bueno, executados em diferentes técnicas, que abordam o tema da paisagem. Na série *Inventário*, da qual apresentamos dois exemplos, o artista agrega vários elementos de obras anteriores, sem medo de repetir-se. A este respeito, ele declara: “Há em mim uma tendência para o recordativo, para o fazer lembrar. Minha pintura mais recente, a partir de 87, em que dou o nome generalizado de *Inventário*, exemplifica essa ideia, pois representa, para mim, nostálgicas lembranças de diferentes épocas (imagens reencontradas), como uma reflexão sobre meus trabalhos passados, já que toda essa pintura está ligada a um retorno evocativo, a um chamamento que ressoa agradabilíssimo”.⁷

Esperamos, com isso, aguçar o interesse do espectador por esta obra tão rica, sensível e variada.

MARIA DE FÁTIMA MORETHY COUTO

Curadora, professora de História da Arte no Curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Unicamp

Maio de 2017

7

Cf. Geraldo Porto (org.) *Coleção Mário Bueno*. Catálogo editado pela Galeria de Arte da Unicamp, 2005.